

O “EU” E O “OUTRO” EM DIÁLOGOS SIMÉTRICOS¹³

1. *Preliminares*

Este trabalho discute as marcas indicativas da presença explícita do “eu” e do “outro” em diálogos simétricos, com a finalidade de esclarecer o papel por elas exercido na construção dos referidos textos. Enfatiza-se, sobretudo, o caráter intersubjetivo dessas marcas, ou seja, o papel das mesmas no estabelecimento e manutenção das relações entre os participantes do diálogo. Com isso, busca-se compreender o papel das mesmas no processo de negociação entre os participantes do ato conversacional.

O ponto de partida do trabalho é a noção de que todo sujeito constitui uma entidade dúplice e transitiva: o “eu” não existe por si, pois apenas pode instituir-se como tal em face do “outro”. Do caráter reversível do sujeito decorre o caráter dialógico da linguagem e a existência, na mesma, de um componente interpessoal ou intersubjetivo, o qual se manifesta sobretudo no discurso falado.

Devido a esse traço de intersubjetividade, avultam, na língua falada, os elementos que indicam, de modo direto, a presença dos interlocutores no diálogo: pronomes e formas verbais de primeira e segunda pessoas, marcadores conversacionais de valor fático, lexicais (*certo?*, *né?*) ou não lexicalizados. O trabalho compõe-se de duas partes. Na fundamentação teórica, expõe-se inicialmente o caráter de sujeito e, em seguida, discute-se o caráter dialógico da linguagem e o componente interpessoal do discurso falado. A segunda parte é dedicada à discussão do papel exercido pelas marcas do “eu” e do “outro”, de acordo uma série de variáveis.

O *corpus* do trabalho é constituído pelos inquéritos n.º 062, 333, 343, 360 (NURC/SP, in CASTILHO & PRETI, 1987) e n. 147, 158, 355

¹³ Fonte: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(23\)08.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(23)08.htm)> e <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/8\(24\)12.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/8(24)12.htm)>. Artigo produzido em parceria com *Camilla Bambozzi Veasey*.

e 374 (NURC/RJ, in CALLOU & LOPES, 1994). Esses inquéritos pertencem ao tipo diálogo entre dois informantes (D2) e de cada um deles foi retirado um fragmento correspondente a quinze minutos de gravação.

2. *Fundamentação teórica*

2.1. Envolvimento entre os interlocutores

A conversação representa o intercurso verbal em que dois ou mais participantes se alternam, e para que haja a conversação é fundamental que duas ou mais pessoas manifestem a intenção de entrar em contato umas com as outras. Essa interação implica cumplicidade e solidariedade, ou seja, um envolvimento entre os interlocutores.

Este envolvimento existe entre os participantes e destes com o assunto em andamento e é evidente que cada um dos falantes estará “seguindo o pensamento” de seu interlocutor.

Segundo Ataliba Teixeira de Castilho (1998, p. 37), ao conversar, os interlocutores se envolvem em pelo menos três estratégias: a manutenção do turno conversacional, o qual o falante pode, por exemplo, usar pausas não muito longas preenchidas por meios fáticos (“ah”), o “assalto” ao turno, como por exemplo, quando há sobreposição de vozes e um interlocutor apropria-se do turno do outro; e a passagem consentida de turno, na qual o processo mais habitual é de natureza não verbal, que é o olhar e os processos verbais, como uma pergunta, por exemplo.

Segundo Ângela Cecília de Souza Rodrigues (1993, p. 23) o fenômeno de envolvimento, característico da língua falada, abrange, inicialmente, o envolvimento dos interlocutores com o tópico conversacional, o que explica o processo de elaboração da conversação, que é um trabalho cooperativo, “a duas vozes”.

Como os falantes se encontram em situação de interação, fala-se em mais dois outros tipos de envolvimento: o do falante consigo mesmo (ego-envolvimento) e o do falante como ouvinte. O ego-envolvimento é explicitado, por exemplo, pelos pronomes de primeira pessoa do singular em uma fala (eu, me):

(1)	
Loc2	você não pode escolher não fazer né?
Loc1	não... mesmo que <i>eu</i> escolha <i>eu</i> não vou interferir no processo... (NURC/SP, 333, p.32, 600-603); grifos nossos)

O envolvimento do falante com o ouvinte é representado por perguntas e respostas. No decorrer do diálogo, os falantes estão sempre mostrando que compreendem a fala de seu interlocutor através de sinais ou expressões de entendimento como: “certo”, “lógico”, “ah sim” (marcadores conversacionais), que explicita o envolvimento dos interlocutores:

(2)	
Loc1	por hábito... sábado e domingo eu não janto... eu meu dia começa muito tarde...
Loc2	[<i>certo</i> eu também... não nem sempre... tem sábado que eu janto... quando estou com fome eu janto.. (NURC/RJ, 158, p.25, 405-408; grifo nosso)

2.2. Sujeito e dialogismo

Para que se possa compreender com maior profundidade as características da língua falada e a interação que entre eles se estabelece, cabe discutir as noções de sujeito e de dialogismo, as quais serão discutidas, respectivamente, nesta e na próxima seção do trabalho.

2.2.1. A noção de sujeito

Edgar Morin (1996, p. 45 e ss.) define *sujeito* como o indivíduo, considerado em duas dimensões: a autonomia e a dependência. Com efeito, o sujeito é autônomo, e tem consciência de que é um indivíduo único, dotado de identidade própria. Mas esse indivíduo está ciente, ademais, de que depende de outros seres (da mesma ou de outra espécie) para construir a própria individualidade.

Associado à noção de sujeito, surge o conceito de identidade, ou seja, a consciência que o indivíduo tem de si mesmo, de sua particularidade, de que ele permanece o mesmo, ainda que se leve em conta a personagem do tempo. Contudo, a noção de identidade também é dupla, pois o indivíduo só a adquire a partir da interação com outros seres.

Os conceitos de sujeito e identidade têm, pois, dupla face: para a explicitação de ambos é necessário considerar não só o indivíduo em si,

mas igualmente os outros seres, com os quais se mantêm relações de dependência.

Por isso mesmo, a noção de sujeito fundamenta-se em dois princípios, inseparáveis e associados, o princípio da exclusão e o da inclusão.

O princípio da exclusão baseia-se na instituição do “eu” como elemento único e central: é a consciência da individualidade e da subjetividade. Mas a exclusão pressupõe a inclusão, pois o “eu” só existe em função do outro com o qual mantemos relações (“você”) e de outros seres com os quais nos integramos (“nós”). Em outros termos, pode-se admitir que o ser humano – dotado de linguagem e cultura – institui-se a si mesmo como um ser único (o “eu”, seguramente, não tem plural, mas, do mesmo modo, ele não pode deixar de levar em consideração o interlocutor “você” e o grupo no qual ele se insere “nós”). O “eu” isolado não existe, porque o sujeito e o outro se complementam e é nessa complementaridade que o ser humano pode exercer a sua liberdade, como tal entendida a capacidade de escolha.

2.2.2. *Dialogismo: o “eu” e o “outro”*

A ideia de que o “eu” e o “outro” são instituídos a partir da interação pela linguagem já havia sido formulada por Bakhtin (1986, p. 32 e ss). Esse autor coloca o princípio dialógico como pilar de sua concepção de linguagem e, pode-se admitir, também, de sociedade e do mundo. O dialogismo – segundo o mesmo autor – é a condição para que o discurso tenha um sentido pleno e, igualmente, para que por meio dele se possa evidenciar a relação existente entre linguagem e vida.

Como assimila Barros (1999, p. 2),

Bakhtin concebe o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem. Examina-se, em primeiro lugar, o dialogismo discursivo, desdobrando em dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto, o da intertextualidade no interior do discurso.

Neste texto, enfoca-se o primeiro desses aspectos, qual seja, a presença dos participantes do ato comunicativo no estabelecimento do sentido desse ato.

O conceito de dialogismo resulta da interação verbal que o enunciador e o enunciatário estabelecem entre si no espaço criado pelo texto. Ora, esse conceito faz com que o sujeito perca o papel central (e mesmo exclu-

sivo) na construção do texto. Ao contrário, a noção de sujeito torna-se múltipla, pois *incorpora* outras vozes, ou pelo menos a voz do outro. Aliás, em diversos trechos do capítulo primeiro da obra citada, Bakhtin enfatiza dois pontos que merecem ser salientados: o papel do “outro” na determinação do sentido e o fato de que nenhuma palavra é exclusivamente nossa, já que, nos vários enunciados, nota-se a presença de outras vozes que não a do próprio sujeito.

As ideias de Bakhtin coincidem com a postulação de Edgar Morin, já que ambos concebem o sujeito como um ser múltiplo, que interage e se complementa com o outro. Deve-se ressaltar, porém, que Bakhtin, embasado nas ideias do materialismo histórico-dialético, considera o sujeito a partir de uma perspectiva histórica e social. Essa característica, aliás, é uma resultante do próprio caráter dialógico da linguagem.

2.3. Língua falada e dialogismo

2.3.1. Tendências no estudo da conversação

Barros (1999, p. 3) menciona o fato de que a relação dialógica (“eu” e “você”) tem sido tratada por várias disciplinas linguísticas: análise da conversação, semiótica narrativa e discursiva, análise do discurso, pragmática, teoria da enunciação. Suzanne Eggins e Diana Slade (1997, p. 23 e ss), por sua vez, citam as principais correntes ou abordagens da análise de diálogos espontâneos: perspectivas de base sociológica e etnometodológica (análise da conversação); abordagens sociolinguísticas (etnografia da fala, com ênfase no contexto, sociolinguística interacional, baseada na contextualização do discurso); corrente lógico-filosófica (teoria dos atos de fala: a conversação como uma sequência de atos de fala; pragmática: máximas do comportamento conversacional); correntes estrutural-funcionais (a escola de Birmingham: especificação da estrutura da troca conversacional; a linguística sistêmica funcional: interpretação funcional e semântica da conversação; análise crítica do discurso).

Em todas essas tendências manifesta-se, com maior ou menor ênfase, o princípio do dialogismo. Isso, aliás, é óbvio, já que na interação face-a-face o reconhecimento da presença do outro e do desdobramento do sujeito se tornam mais marcantes. O “outro” é um ser concreto e, como tal, o discurso falado traz marcas específicas da sua presença.

Este trabalho segue uma das vertentes das abordagens estruturais-funcionais, a linguística sistêmica funcional. As razões dessa escolha serão

explicitadas na sequência do trabalho.

2.3.2. *A linguística sistêmica funcional*

As correntes incluídas na rubrica das abordagens sistêmico-funcional (a escola de Birmingham e a linguística sistêmica funcional) têm em comum o fato de descreverem a conversação como um nível autônomo, altamente organizado (TAYLOR & CAMERON, 1987, p. 5, *apud* EGGINS & SLADE, *op. cit.*, p. 43). Nos trabalhos dessa linha teórica, busca-se compreender as características da estrutura da conversação e, também relacionar essa estrutura mais ampla com outras unidades, níveis e estruturas da linguagem.

A opção pela vertente sistêmico-funcional decorre do fato de ela ser, dentre as várias correntes citadas, aquela em que o caráter dialógico da linguagem e a presença são mais marcantes. Essa característica advém de duas postulações da vertente, as quais são mencionadas a seguir: o reconhecimento de que há diferentes tipos de significado (entre eles, o interpessoal) e o estabelecimento de diferentes níveis de significação (gramatical, semântico, discursivo, referente ao gênero textual).

Suzanne Eggins e Diana Slade (*op. cit.*, p. 48 e ss.) mencionam mais três espécies ou camadas de significação: a ideacional, a interpessoal, a textual. Na primeira, encaixam-se os significados acerca do mundo e as diferentes representações da realidade, a segunda consiste na negociação acerca dos papéis e relações sociais (*status*, contato, intimidade, filiação); o significado textual relaciona-se com a própria mensagem (coesão, ênfase, conhecimentos prévios).

Essas três camadas são simultâneas e interdependentes, já que podem ser encontradas em unidades linguísticas de diferentes níveis: palavra, sintagma, frase, texto. Além disso, unifica-as o fato de serem, simultaneamente, funcionais (pois em todas se consideram a conversação como uma atividade com propósito e finalidade definidos) e semânticas (todas partem da noção de que a conversação é um processo de produzir significados). Esses dois traços, aliás, encontram-se na formulação de Michael Alexander Kirkwood Halliday (1973, p. 34), segundo o qual a linguagem é como é devido aquilo que tem de fazer, ou seja, a linguagem é simultaneamente um meio de interação social e de criar significados. Michael Alexander Kirkwood Halliday ainda acrescenta que essas três camadas estão representadas na linguagem porque são complementares, ou seja, cada qual pressupõe os outros dois. Pode-se citar alguns exemplos: o partilhamento

das ideias e conceitos (ideacional) está associado à negociação de papéis e à relação entre os interlocutores do tema associa-se aos processos de estruturação do texto (componente textual).

Michael Alexander Kirkwood Halliday, no mesmo texto já citado fala em três metafunções, que correspondem aos três tipos de significado já expostos e constituem elementos reguladores e organizadores da atividade linguística. O citado autor, ademais, revela preocupações com os aspectos cognitivos e enumera as três metafunções que organizam o contexto. Essas três outras metafunções (denominadas também “registros”) correspondem às camadas de significação:

Metafunção da Linguagem	Metafunção do contexto
– ideacional	– campo
– textual	– modo
– interpessoal	– teor

O campo consiste no foco que incide sobre o assunto e o delimita, o modo relaciona-se com os conhecimentos prévios partilhados, e o teor refere-se aos papéis e relações sociais. Cada uma das variáveis de registro (metafunções contextuais) é realizada no plano da expressão, por uma das metafunções que organizam a linguagem.

Cabe reiterar que essas três camadas são interdependentes e complementares. Desse modo, as marcas de subjetividade e intersubjetividade não se situam apenas na camada interpessoal e no teor (papéis e relações sociais). Ao contrário, as marcas de interpessoalidade estão presentes na estruturação do texto, na relação do assunto e do ponto de vista em que ele vai tratado, nos procedimentos de contextualização e saliência, na escolha de itens lexicais e na seleção gramatical.

Este trabalho centra-se no componente interpessoal (teor), pois os pronomes e desinências da primeira e segunda pessoas constituem as marcas mais evidentes das relações dialógicas. A eles, com efeito, cabe a função de instituir os papéis dos participantes da interação verbal (o “eu” e o “outro”, ou seja, o falante e ouvinte) como marcas específicas da presença dos interlocutores. São, assim, marcas intrínsecas de subjetividade e intersubjetividade, característica que se torna mais nítida na conversação (simétrica) já que nela há uma constante alternância entre o “eu” e o “outro”. Além disso, como assinalam Suzanne Eggins e Diana Slade (*op. cit.*, p. 49 e ss.), a conversação é “governada” antes pelos significados interpessoais que pelos componentes ideacionais ou textuais: a tarefa primordial da conversação é a negociação da identidade e das relações sociais. Em verdade, o componente ideacional (assuntos tratados) constitui apenas o pano de

fundo para o estabelecimento das relações entre os interactantes.

3. Análise das ocorrências

As marcas de subjetividade serão estudadas a partir de seis variáveis: tipo de marca; interlocutor que a produz; a quem elas se dirigem; grau de envolvimento entre os interlocutores.

3.1. Tipo de marca

As marcas de subjetividade e intersubjetividade são classificadas de acordo com as subcategorias que constam da tabela a seguir:

Inquéritos NURC/SP	062		333		343		360	
	N	%	N	%	N	%	N	%
L	32	36,37	32	28,83	26	22,60	20	21,05
P	11	12,50	10	9,00	12	10,44	0	0
N	5	5,68	15	13,52	4	3,48	20	21,05
R								
C	40	45,45	54	48,65	73	63,48	55	57,90

Inquéritos NURC/RJ	147		158		355		374	
	N	%	N	%	N	%	N	%
L	42	16,80	22	10,78	16	18,82	38	45,78
P	27	10,80	13	6,38	6	7,06	9	10,85
N	8	3,20	0	0	1	1,18	1	1,20
R								
C	173	69,20	169	82,84	62	72,94	35	42,17

Tabela 1. Tipo de marca de subjetividade e intersubjetividade

L. marcador lexical (bom, sabe?); P. marcador proposicional (eu acho, se não me engano); N. expressão não lexicalizada (ahn, uhn); R. marcador prosódico; C. expressão não convencionalizada como marcador conversacional.

Como vimos em Luiz Antônio Marcuschi (1989, p. 289), na interação face a face os interlocutores podem servir-se de três tipos de recursos para a realização de marcadores conversacionais: marcadores verbais, marcadores não verbais e marcadores prosódicos. Neste trabalho, ocupamo-nos dos marcadores verbais, que perfazem um variado e importante conjunto de partículas, palavras, sintagmas, expressões estereotipadas e orações de diversos tipos.

Nos inquéritos analisados, a maior parte dos tipos de marcas de subjetividade e intersubjetividade são expressões não convencionalizadas,

aquelas que possuem marcas específicas de pessoa (verbos e pronomes). Elas aparecem em grande número, pois são elas as que mais se prestam à expressão da subjetividade, ou seja, que apresentam marcas explícitas da presença do falante e do ouvinte:

(3)	
Loc1	<i>acho que</i> (P) é <i>você</i> (C) vai... fala... faz uma fofquinha... ou vai com fulano... <i>né</i> (L)? (...) cerimônia [
Loc2	<i>uhn uhn</i> (N) mas fora isso <i>eu acho que</i> (P) são duas coisas diferentes uma é o valor <i>co/ o::...</i> o valor comunitário que <i>vo/ que</i> existe quando <i>você</i> (C)... compra alguma coisa <i>você</i> (C) está trocando dinheiro por uma coisa que outra pessoa <i>te</i> (C) dá... <i>vocês</i> (C) estão num acordo <i>né</i> (L)?... (...) (NURC/SP, 333, p.35, 711-718; grifos nossos)

O componente interpessoal tem importância particular nos textos conversacionais, pois neles tende a existir uma relação simétrica entre os interlocutores. Por isso mesmo, as marcas de pessoalidade constituem um traço intrínseco dessa modalidade de texto e, assim, não necessitam ser assinaladas por expressões conversacionais e recorrentes, como é o caso dos marcadores conversacionais.

Verifica-se, ademais, que os marcadores conversacionais (lexicais e proposicionais) que denotam subjetividade, em sua maioria, trazem marcas específicas de pessoa. Aliás, nos marcadores proposicionais de valor interpessoal, essas marcas constituem uma constante:

(4) (A informante trata da escolha profissional da filha, e do currículo do curso de Decoração).

Loc1	não eu dei u::uma rápida olhada <i>sabe?</i> mas vi matérias interessantes para ela assim dentro de outras...ah::carreiras... essa se defi/eh <i>acho que</i> ::se define... uhn para... esse ramo... agora a outra gêmea... ela... como vai va:i o que está tudo muito bom:: (NURC/SP, 360, L. 1281-1285)
------	---

No exemplo anterior, o marcador lexical (*sabe*) e o proposicional (*acho que*) possuem marcas de pessoa. Aliás, se for somado o total de indicadores de subjetividade que possuem essa marca, verifica-se que eles representam a ampla maioria das ocorrências. Veja a somas das porcentagens desses marcadores nos diferentes inquiridos: Inq. 062: 83%; Inq. 333: 83%; Inq. 343: 86%; Inq. 360: 86%.

Os marcadores lexicais que não possuem marcas de pessoa e aqueles representados por expressões não lexicalizadas foram incluídos entre

as marcas de subjetividade por possuírem valor fático. Os primeiros, geralmente, incluem-se entre os marcadores de busca de aprovação discursiva (*né?*), ou os de confirmação ou assentimento.

Também notamos um número significativo de marcadores lexicais, principalmente aqueles que se incluem entre os marcadores de busca de aprovação discursiva (*né?*), o que nos revela que a interação é fundamental para que o diálogo se desenvolva, mostrando o envolvimento, o contato e a necessidade dos interlocutores em “seguir o pensamento” do outro.

No inquérito 374 NURC/RJ, há maior presença de marcas lexicais; a grande interferência do documentador na condução da entrevista, leva os informantes a empregarem essas marcas de busca de aprovação discursiva (*né, sabe*).

(5)	
Loc1	flamingos...
Loc2	flamingos <i>né?</i>
Loc1	e da... até da ave do paraíso <i>né?</i>
Loc2	é verdade... (NURC/RJ, 374, p.226, 454-457; grifos nossos)

Os marcadores de busca de aprovação discursiva também figuram em turnos inseridos, correspondentes a falas curtas de um falante ocasional.

(6) (A informante comenta o fato de o pai tê-la incutido a cursar Direito).

Loc2	(...) ele [o pai] achava que essa a que teria mais possibilida::de de di/ de diversificação depois... e quando as outras eram mais específicas... <i>né?</i>
Loc1	<i>certo</i>
Loc2	um médico era só medico e engenheiro era só engenheiro (...) (NURC/SP, 360, L. 1542-1546)

Os marcadores não lexicalizados de valor fático também figuram em turnos inseridos e, em sua maioria, indicam concordância ou assentimento.

(7) (O informante comenta o valor da apresentação para a obtenção de empregos).

Loc2	eu não diria somente... existe muito e também e::... é apresentação entende?
Loc1	uhn uhn
Loc2	eu acho que::hoje em dia não basta você somente ser... capacitado porque::tem muita gente que... não tantas qualidades quanto determinamos... com/ éh::competidores em determinados cargos e::... na hora de escolher vem você porque é meu amigo certo? (...)

3.2. Quem produz a marca de subjetividade

Inquéritos NURC/SP	062		333		343		360	
	N	%	N	%	N	%	N	%
F	82	93,19	90	81,08	94	81,74	72	75,79
O	4	4,54	15	13,52	10	8,69	23	24,21
R	2	2,27	6	5,40	11	9,57	0	0

Inquéritos NURC/RJ	147		158		355		374	
	N	%	N	%	N	%	N	%
F	232	92,8	195	95,58	73	85,88	69	83,13
O	13	5,2	9	4,42	6	7,06	14	16,87
R	5	2,0	0	0	6	7,06	0	0

Tabela 2. Quem produz a marca de subjetividade.

F. falante; O. ouvinte (falante ocasional: turnos inseridos); R. diálogo reportado.

De acordo com Beth Brait (1993, p. 206) a interação acontece, necessariamente, entre pelo menos dois falantes que se caracterizam como interlocutores e que vão se relacionar enquanto parceiros. Esses interlocutores revezam-se na condição e ouvinte: sendo a interlocução aberta (há o revezamento de posições), cada um dos participantes interage no projeto de construção de sentido do outro, como uma atividade cooperativa.

A maior parte das marcas de subjetividade e intersubjetividade é produzida pelo próprio falante. Esse fato pode parecer óbvio, uma vez que o detentor do turno é responsável pela formulação dos enunciados e pelo desenvolvimento do tópico. No entanto, dos dados acima pode ser extraída a seguinte conclusão: as marcas de pessoalidade participam da construção do texto conversacional, ao lado do desenvolvimento do tópico, dos procedimentos de contextualização e dos elementos coesivos. Cabe recordar, a esse respeito, que no texto conversacional manifestam-se três componentes ou níveis de significação, o ideacional, a interpessoal, a textual. As marcas de subjetividade e intersubjetividade associam-se na produção do texto, ao desenvolvimento e partilhamento das ideias e conceitos e aos procedimentos de coesão e estruturação textual.

As marcas produzidas pelo ouvinte correspondem a turnos inseridos, representados por marcadores conversacionais que denotam concordância ou assentimento. É o que se verifica no exemplo a seguir, no qual também estão assinaladas as marcas produzidas pelo falante:

(8)	
Loc1	quando não é éh não é dia do meu marido ir para a faculdade... eu fico por Pinheiros e <i>volto</i> para casa agora em dois dias da semana... eu <i>levo</i> faculdade também <i>não é?</i> [
Loc2	<i>ahn ahn</i>
Loc1	e::depois <i>volto</i> para mas <i>chego</i> já <i>apronto</i> o outro para ir à escola... o menorzinho... e <i>fico</i> na::quela lides domésticas
Loc2	[<i>ahn ahn</i>
Loc1	e::uma coisa e outra... e::... agora à tarde dois vão para a escola... mas tem ativi/ os que ficam em casa têm atividades extras...
Loc2	[<i>uhn uhn</i>
Loc1	então é um corre-corre realmente... <i>não é?</i> (...) (NURC/SP, 360, L. 152-165)

As marcas que figuram em fragmentos de discurso direto ou reportado são pouco numerosas e apresentam a particularidade de não se referirem aos interlocutores reais, mas a outras pessoas, cujas falas são *incorporadas* ao discurso do interlocutor.

(9) (A informante relata um episódio ocorrido em sua passagem por Florianópolis).

Loc2	(...) mas todas as mulheres estão trabalhando em renda... e::então u/duas delas vieram falar conosco... então ela disse assim " <i>ahn da/dona::ahn::façavor de me dizer uma coisa... a a senhora a senhora vê novela?</i> "... eu digo " <i>vejo</i> " " <i>que que a senhora está vendo?</i> "... eu estava vendo aquela coisa... naquela ocasião eu estava vendo uma novela de Tupi... ela disse... " <i>escuta uma coisa por favor me diga... a Maria morreu?</i> " (NURC/SP, 333, L. 422-430)
------	--

3.3. A quem se dirigem as marcas produzidas pelo falante

As marcas produzidas pelo falante podem ser autocentradas (primeira pessoa) ou heterocentradas (segunda pessoa e marcadores de valor fático). Veja-se o exemplo a seguir, no qual figuram marcadores de ambos os tipos:

(10)	
------	--

Loc2	não <i>sei</i> por exemplo... eh... normalmente não... mas já <i>fiz</i> muitas vezes... ir ao Alto da Boa Vista e subir... ir lá pra cima:::... Pico do Papagaio... Pico da Tijuca...
Loc1	é... mas <i>esse</i> lá pra cima é... trezentos metros acima...
Loc2	bom... mas já chega pra <i>min</i> ... lá de cima eu <i>vejo</i> tudo cá de baixo... subir a Pedra da Gávea:::... lá eu tenho um panorama... que eu <i>vejo</i> todo...
Loc1	eu <i>fui</i> lá (...)
Loc2	então... <i>você vê</i> toda aquela orla marítima... e do lado de cá <i>você vê</i> toda a constituição dos morros... cadeias de morros e tudo...
Loc1	sim... mas <i>você vê isso</i> ... uma vez por mês ou uma vez por semana no máximo... <i>digo</i> o seguinte... <i>você</i> na tua rotina... diária <i>você não percebe</i> esse relevo...

(NURC/RJ, 158, L. 550-563)

No fragmento citado, ocorrem marcas voltadas para o próprio falante ou autocentradas (assinaladas com um traço) e marcas voltadas para o ouvinte ou heterocentradas (assinaladas com dois traços). Ora, o informante Loc2 fala de si, ou, mais precisamente, de sua experiência como alpinista, mas – mesmo assim – não deixa de reconhecer a presença do outro. Aliás, a presença do outro é muito nítida: ao falar de si, o locutor não deixa de reconhecer a presença explícita do outro, ou, em outros termos, ao instituir-se como sujeito e delimitar sua individualidade, o falante não deixa de reconhecer a presença do outro. O sujeito é, pois, dúplice e bifacial, e seu discurso deve equilibrar a presença de si mesmo e do outro. Nota-se, ainda, que as ocorrências com o pronome *você* – no exemplo citado – têm valor de indeterminação, mas foram incluídas entre os marcadores voltados para o ouvinte, por terem nítido valor fático.

Em fragmentos centrados não no sujeito, mas no desenvolvimento de um assunto, predominam as marcas voltadas para o ouvinte:

(11)	
Loc2	(...) porque a hista/a histeria está praticamente desaparecendo <i>né?</i> <i>Sabe</i> antigamente era:: <i>você pega</i> ... há trinta anos atrás... Europa você encontrava os casos de histeria aqueles histeria de conversão <i>né?</i> que o cara... tem um ATA:::que ali na <i>sua</i> frente... isso não acontece mais... <i>sabe</i> ... <i>eu</i> não <i>sei</i> te explicar como é que se deu a mudança... mas... caso assim... é muito difícil de <i>você encontrar</i> ... (...) <i>você encontra</i> muito mais o que? esquizo... e depressão que no fundo estão muito ligado <i>né?</i>

(NURC/SP, 343, L. 1345-1356)

O quadro a seguir mostra a distribuição das marcas auto e heterocentradas:

	062	333	343	360
--	-----	-----	-----	-----

Inquéritos NURC/SP	N	%	N	%	N	%	N	%
A	21	25,30	35	36,46	50	45,04	48	64,00
H	62	74,70	61	63,54	61	54,96	27	36,00

Inquéritos NURC/RJ	147		158		355		374	
	N	%	N	%	N	%	N	%
A	165	68,18	100	49,02	42	50,00	38	46,34
H	77	31,82	104	50,98	42	50,00	44	53,66

Tabela 3. A quem estão voltadas as marcas de subjetividade e intersubjetividade produzidas pelo falante

A. autocentrados (centrados no falante); H. heterocentrados (voltados para o ouvinte)

Em seis inquéritos, predominam as marcas heterocentradas, há equilíbrio entre as marcas de ambos os grupos. Esse fato constitui um índice seguro de que, na conversação, o falante reconhece que o “eu” não existe sem o “você”, aliás, ele sabe que a condição de falante é transitória e que seu discurso deve *incorporar* o outro. O “eu”, com efeito, só pode instituir-se como tal numa relação transitiva e binária, e disso decorre a frequência com que o informante assinala, de modo explícito, a presença do interlocutor.

Nos inquéritos n. 360 e n. 147 predominam as marcas autocentradas, pois ambos têm um caráter nitidamente intimista, caracterizado pelo fato de as quatro informantes discorrerem acerca de sua vida e de suas experiências pessoais:

(12)	(...) eu... pelo menos... me <i>sinto</i> realizada quando <i>eu saio e compro</i> um perfume caro... é... <i>eu compro</i> uma bolsa que o <i>meu</i> marido vai <i>me</i> matar depois pelo preço... mas <i>eu acho</i> que aquilo <i>me... me</i> realiza... pode ser maluca hippie... de pena... de... pode ser o que for... <i>fico</i> maluca... talvez <i>eu</i> nem <i>vá</i> usar... mas só saber que <i>eu TENHO</i> ... pronto... está aí (...)
	(NURC/RJ, 147, L. 644-652)

3.4. Grau de envolvimento

Consideram-se, nesta variável, dois graus de envolvimento: o maior, caracterizado pela presença de marcas de primeira e segunda pessoas, e o menor, no qual essas marcas não se manifestam. Veja-se a tabela a seguir:

Inquéritos NURC/SP	062		333		343		360	
	N	%	N	%	N	%	N	%

M	51	57,95	67	60,36	85	73,92	57	60,00
E	37	42,05	44	39,64	30	26,08	38	40,00

Inquéritos NURC/RJ	147		158		355		374	
	N	%	N	%	N	%	N	%
M	197	78,8	183	89,70	68	80,00	44	53,01
E	53	21,2	21	10,30	17	20,00	39	46,99

Tabela 4. Grau de envolvimento.

M. maior envolvimento; E. menor envolvimento.

Verifica-se o predomínio das marcas que trazem a indicação direta da presença dos interlocutores (pronomes e desinências verbais de primeira e segunda pessoas). Esse fato ocorre em todos os inquéritos, mas é particularmente nítido nos inquéritos nos quais os assuntos tratados são polêmicos e, assim, há maior envolvimento entre os interlocutores. É o caso dos inquéritos 343, 147, 158 e 355, nos quais as controvérsias e divergências conduzem a um maior envolvimento entre os participantes:

(13)	
Loc1	bom <i> você pode montar um negócio seu?</i>
Loc2	não tenho <i> essa ideia... não sei o que quero...</i>
Loc1	pois eu <i> tenho... desde que eu me formei... ainda não tive chance... pra mim falta o capital...</i>
Loc2	a gente tem <i> essa ideia... mas já vi que não dá... principalmente que existe agora aqui... cada vez mais</i> [diminuindo as indústrias pequenas...
Loc1	não <i> acho que não... mas você considera a Standard pequena?</i> [
Loc2	não dá mesmo... não... a Standard e grande nesse ponto... <i> você fala em criar uma... você vai criar uma...</i> [
Loc1	<i> você... daqui a vinte anos... só vai ter indústria grandes... então então você não terá condições de criar a sua... vai ser muito mais difícil ainda...</i> (NURC/RJ, 158, L. 1243-1261)

O envolvimento dos interlocutores com o assunto da conversa é imprescindível. Porém, o que é extremamente importante aqui, é o envolvimento que se estabelece entre os próprios participantes, mantendo um elevado grau de envolvimento entre eles que auxilie na interação.

Nos inquéritos estudados, notamos que o grau de envolvimento mantido entre os informantes é sempre maior, pois o falante procura empregar marcas que efetivamente funcionem como sinais de subjetividade

e intersubjetividade. As marcas que denotam maior envolvimento são as que mais se prestam a indicar os papéis dos interlocutores na construção do texto conversacional, nas relações que entre eles se estabelecem e se desenvolvem e no espaço comum que cria a partir dessa relação.

(14)	
Loc1	porque <i>eu tenho</i> (M) valores que fulano x não tem... então <i>eu posso</i> (M) viver a vida que <i>eu quero</i> (M)...
Loc2	<i>é claro</i> (E)
Loc1	então... <i>eu em São Paulo sou</i> (M) uma catástrofe <i>né</i> (E)... porque lá o pessoal de um modo geral é... é muito conservador... então a família...
(NURC/RJ, 147, p.66, 433-438)	

O predomínio das marcas que denotam maior envolvimento entre os interlocutores é devido ao fato de serem elas as que indicam, de modo direto, a participação dos interlocutores no processo de interação verbal. Desse modo, são elas as que mais se prestam a indicar os papéis dos interlocutores na construção do texto conversacional, nas relações que entre eles se estabelecem e se desenvolvem e no espaço comum que cria a partir dessa relação.

4. *Comentários conclusivos*

Enfatizou-se, neste trabalho, que o sujeito da enunciação é sempre um intersujeito, já que o indivíduo que se institui como falante acaba elegendo, do mesmo modo, um determinado paralelo conversacional. Esse fato decorre do caráter dialógico da linguagem: qualquer ato de linguagem (escrita ou falada) pressupõe um interlocutor. Aliás, é pelo diálogo, pela relação com o interlocutor, que o ser humano se institui como ser histórico, situado em dado contexto social. Por isso mesmo, as teorias que analisam a conversação (em particular as abordagens sistêmico-funcionais) ressaltam o componente significativo de natureza interpessoal.

O caráter dialógico da linguagem e o componente interpessoal tornam-se patentes ao examinar-se o papel exercido pelas marcas de subjetividade. Com efeito, a análise das variáveis revela que as marcas indicativas da presença e da participação dos interlocutores possuem certas características evidenciadoras do papel das mesmas no estabelecimento da significação interpessoal: a maioria dos indicadores de subjetividade apresenta marcas de segunda pessoa; as marcas podem ser auto ou heterocentradas, ou seja, estão voltadas para o falante ou o ouvinte, embora as últi-

mas predominem, o que evidencia o caráter dialógico da linguagem. Verifica-se, ademais, que as marcas de subjetividade indicam um alto grau de envolvimento entre os interlocutores (já que possuem marcas de pessoa).